

# O futuro do Leviatã: mudança e atitudes sobre o papel do Estado

Daniel Capistrano

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais  
Universidade de Brasília

## Resumo

Vários estudos vêm observando uma síndrome de mudança de valores em diferentes culturas durante as últimas décadas. Esse projeto investigou se essas mudanças foram também acompanhadas por mudanças nas atitudes individuais acerca do papel do Estado. Utilizando dados do *World Values Survey*, nós demonstramos que essas atitudes estão ligadas a aspectos culturais mais profundos e também tendem a mudar. Considerando algumas evidências sobre a relação entre cultura política e o sistema político, o trabalho enfatiza, a partir daí, quais as consequências políticas dessa mudança de atitudes e como elas podem ser percebidas hoje.

## Abstract

Several studies have observed a syndrome of value change among different cultures during the last decades. This project investigated whether these changes were also followed by changes in individual attitudes regarding the role of the state. Using data from the *World Values Survey*, we demonstrate that those attitudes are linked to more profound cultural aspects of these societies and also tend to change. Considering some evidences about the relationship between political culture and the political system we focus, then, on the political consequences of these changes in attitudes and how they can already be perceived today.

## 1 – Introdução

Este trabalho trata da visão popular sobre o papel do Estado em diferentes culturas. O que faz um indivíduo desejar que o Estado se responsabilize mais pelas condições de vida da população? O que há de diferente na formação e situação do sertanejo pernambucano que clama por mais políticas públicas em sua cidade e do agricultor do Kansas que brada por menor intervenção do Estado em sua vida? Esse estudo busca investigar quais são as tendências gerais de valorização do Estado em determinadas sociedades ao longo do tempo e quais as características sociais, culturais,

econômicas estariam associadas a uma posição favorável a uma maior participação do Estado na sociedade.

Conforme este trabalho pretende demonstrar, as características culturais que permeiam as relações sociais são importantes fatores para se compreender as questões mencionadas. Alguns estudos dentro do campo das ciências sociais já vêm apontando o papel relevante que a cultura exerce para compreensão de diversos fenômenos sociais (HARRISSON E HUNTINGTON, 2002). Embora a maioria desses estudos se concentre sobre a relação entre cultura e democracia, uma literatura recente vem destacando a importância da relação entre cultura e a ação do Estado por meio das políticas públicas (RAO e WALTON, 2004; BROOKES e MANZA, 2007; OORSCHOT et al., 2008).

A primeira parte do texto se concentra sobre a perspectiva de como a cultura de apoio à ação Estado se apresenta ao longo do tempo e de como ela é formada, ou seja, sobre quais elementos do sistema social explicariam a presença ou ausência de um apoio generalizado à prevalência do Estado na sociedade. A segunda parte procura organizar uma reflexão acerca dos principais impactos que essas orientações e atitudes políticas podem ter sobre a transformação do próprio sistema político.

O objeto de discussão deste estudo, orientações políticas, se refere ao conjunto de características apresentadas por um indivíduo em seu relacionamento com o mundo da política. Nesse sentido, o objeto inclui a forma como um indivíduo percebe, pensa e se comporta frente aos fenômenos políticos que são inerentes à sua vida em sociedade. Atitudes políticas, por sua vez, são entendidas como predisposições à ação política individual, são as avaliações positivas e negativas relacionadas a determinados objetos do mundo político. Nesse sentido, as atitudes políticas são uma expressão das orientações políticas individuais, ou seja, são as avaliações formadas em decorrência da visão e orientação que o indivíduo possui sobre o mundo político.

Para explicar como essas orientações e atitudes são formadas e mudam ao longo do seu tempo de vida, é possível recorrer a distintos arcabouços teóricos. Antes de apresentar os resultados da pesquisa empírica, serão destacadas as ideias referentes ao conceito de cultura

política e como essas discussões teóricas contribuem para a compreensão do fenômeno em análise.

### **Considerações teóricas**

A ideia de cultura política contribui para compreensão do conjunto de valores, orientações e atitudes estabelecidos socialmente. Ou seja, essa ideia busca abarcar as orientações políticas de “estoque” que se encontram na estrutura social e cultural que são internalizadas pelos indivíduos por meio da socialização política. Dessa forma, para se compreender as atitudes dos indivíduos relativas ao papel do Estado, propõe-se que se busque na cultura da referida sociedade as origens dessas atitudes.

A ideia de que valores, orientações e atitudes compartilhados socialmente tem relevância para se compreender o mundo político remonta às reflexões de pensadores clássicos como Platão, Rousseau e Tocqueville. É nela, também, que se encontram os fundamentos das ciências sociais.

Em 1956, o cientista político Gabriel Almond publica o artigo “*Comparative Political Systems*” que tem como principal objetivo demonstrar “como uma aplicação de certos conceitos antropológicos e sociológicos podem facilitar a comparação sistemática entre tipos de sistemas políticos em operação no mundo” (ALMOND, 1956, p. 391). Tal sugestão é substancialmente inovadora frente às perspectivas institucionalistas preponderantes que tornavam a ciência política muito mais próxima de disciplinas como a economia e o direito.

No entanto, somente na década de 1960, com a invenção do conceito de “cultura política” no trabalho de Almond e Verba (1963), essa ideia passou a ser operacionalizada e estudada empiricamente dentro da ciência política.

Da forma proposta por Almond e Verba (1963, p. 13) “the term political culture refers to the specifically political orientations – attitudes towards the political system and its various parts and attitudes towards the role of the self in the system”<sup>1</sup>. A proposição desse conceito representou um avanço

---

<sup>1</sup>Tradução livre: “o termo cultura política refere-se às orientações políticas específicas – atitudes em relação ao sistema político e suas várias partes e atitudes relativas ao papel do *self* no sistema”

profícuo para os estudos dessa área, pois operacionalizou a dimensão cultural para muitos até então intangível e serviu de base para uma série de pesquisas empíricas utilizando surveys como método de apreensão da cultura política.

Uma crítica ao conceito de cultura política concentra-se sobre sua capacidade em lidar com a mudança. De fato, ao menos até a década de 1980, a ideia de uma estrutura cultural e social fixa que determina a socialização política é a mais frequente nas reflexões dentro desse campo. Isto é, encontram-se mais considerações a respeito da permanência e imutabilidade da cultura do que a possível dinâmica de mudança dessa dimensão. Em parte, a ênfase na permanência da cultura é uma das vantagens da teoria da cultura política, pois aponta para autonomia da cultura política enquanto um fator explicativo do sistema político independente das conjunturas sociais e econômicas. Por outro lado, se a associação da cultura política com o sistema político é verdadeira, as mudanças no sistema político necessariamente deveriam ser acompanhadas por mudanças na cultura política.

É seguindo essa linha de raciocínio que Eckstein (2000) e Inglehart (1998) oferecem explicações que buscam contemplar a ideia de mudança política dentro do arcabouço teórico-metodológico da cultura política.

Para Inglehart (1998), a mudança na cultura política é resultado de um processo intergeracional de câmbio. Ao passo em que grandes alterações são verificadas nas estruturas sociais, políticas e econômicas, as novas gerações vão formando suas orientações em um mundo com características novas, distintas das gerações anteriores. Embora sustente a teoria política da socialização política que enfatiza a reprodução das mesmas orientações políticas, o autor lança mão da hipótese da escassez para explicar a formação política individual. Segundo essa hipótese, cara à Escola Clássica da Economia, as prioridades da ação humana são resultados do ambiente socioeconômico vigente em que é dada grande valoração subjetiva a coisas e aspectos da realidade que são pouco presente, ou seja, encontram-se em escassez.

Tomadas juntas, a hipótese da socialização política e da escassez encerram um modelo básico de formação de valores em que as prioridades

dos valores do indivíduo são construídas em um período inicial de sua vida, tendem a dar continuidade às orientações adquiridas no convívio familiar ou escolar, mas também como reflexo do ambiente sócio-econômico do período de socialização. Esta articulação de hipóteses serve de base para explicar o movimento de difusão de novos valores e orientações em sociedades industriais avançadas.

Em trabalhos mais recentes, Inglehart e Welzel (2005) afirmam que a mudança de valores presentes em sua teoria de cultura política podem ser observadas em dois principais eixos: um eixo vai da mudança de valores tradicionais em direção a valores seculares-rationais, enquanto o segundo eixo é expresso pelo contínuo entre valores de sobrevivência a valores de auto-expressão. A posição dos indivíduos em cada um desses dois eixos foi baseada na agregação de alguns componentes apresentados no quadro abaixo (baseados em variáveis do WVS) de forma que valores mais altos em ambos os índices representam maior proximidade aos polos “secular-rationais” e de “auto-expressão” .

### **As atitudes pró-Estado**

Esse estudo tem por objetivo investigar empiricamente as orientações pró-Estado vis-à-vis a orientação pró-indivíduo (esfera privada) no que concerne a quem deveria desempenhar o papel predominante na sociedade. Ao se lançar mão do termo “Estado”, neste artigo, faz-se necessário esclarecer que a acepção aqui adotada não está associada a um conceito específico dentro das ciências sociais. Empregado de maneira genérica, a ideia de Estado aqui presente procura dar cabo do conjunto de instituições políticas como a polícia, o governo, a classe política, o sistema judicial e as políticas públicas que formam o principal ente político coletivo e se constrói na sociedade em oposição ao plano individual.

Embora a ideia de Estado nesse capítulo se aproxime da perspectiva da teoria clássica (de Maquiavel, Hobbes e Spencer) que enfatiza a oposição entre indivíduo e Estado, a precisão conceitual é propositalmente poupada em favor da abertura à pluralidade de significados que o termo pode assumir

para diversos indivíduos dentro de uma sociedade ou entre diferentes culturas. Nesse sentido, conforme aponta Schmitter (1985, p. 33), o Estado moderno acaba por servir como “*an amorphous complex of agencies with ill-defined boundaries performing a variety of not very distinctive functions*”.

Dessa forma, em consonância com o objetivo desse estudo, o mais relevante é destacar que há uma multiplicidade de sentidos que a ideia de “Estado” – utilizado de maneira equivalente ao termo “Governo” – pode assumir na visão do cidadão médio e que, neste momento, esse trabalho irá procurar destacar a dicotomia entre Estado e indivíduo no imaginário social para, posteriormente, realizar uma avaliação teórica desse imaginário.

Entre os vários projetos de comparação internacional de atitudes política, duas fontes de dados foram selecionadas para as análises aqui apresentadas: o *World Values Survey (WVS)*<sup>2</sup>, que realiza levantamentos desde a década de 1980, e o *Americas Barometer* do *Latin American Public Opinion Project (LAPOP)*<sup>3</sup>.

Os arquivos contendo os dados das referidas pesquisas foram obtidos em seus respectivos sítios oficiais na internet. O pacote estatístico SPSS versão 21 foi utilizado para abrir e realizar as consultas nos arquivos de dados das pesquisas e as análises estatísticas mencionadas. Para realizar as análises aqui descritas, as variáveis “S018”, do WVS, e “WEIGHT1500”, do LAPOP, foram utilizadas como peso, conforme recomendado na documentação técnica de ambos os bancos de dados.

Ambos os projetos possuem questões semelhantes sobre o objeto de estudo desse trabalho. Conforme descrito nos quadros abaixo, tanto no WVS quanto no Barômetro das Américas, a intenção do conjunto de questões é estimular o entrevistado a localizar sua opinião em uma escala cujos polos são as duas dimensões de estudo desse trabalho.

---

<sup>2</sup>O World Values Survey (WVS) é uma pesquisa implementada por um consórcio de cientistas sociais de vários países do globo. O questionário da pesquisa tem cerca de 250 questões e é aplicado por meio de entrevistas face a face nos países com uma amostra representativa nacionalmente que varia por volta de 1000 a 3000 entrevistas por país.

<sup>3</sup>O Latin American Public Opinion Project (LAPOP), fundado e dirigido pelo professor Mitchell Seligson da Vanderbilt University, realiza de dois em dois anos o Americas Barometer, um survey sobre valores e comportamentos democráticos aplicado em mais de 23 países americanos

### Quadro 1 – Enunciado das questões de valorização do Estado - WVS

Nome da variável	Enunciado da questão
E036	Empresas e negócios particulares devem aumentar (1) ou Empresas e negócios do governo devem aumentar (10)
E037	As pessoas deveriam se responsabilizar mais por elas mesmas (1) O governo deveria se responsabilizar mais para garantir boas condições de vida a todos (10) <sup>4</sup>

Fonte:WVS.Elaboração do autor

### Quadro 2 – Enunciado das questões de valorização do Estado - LAPOP

Nome da variável	Enunciado da questão
Ros1	O Estado brasileiro, no lugar do setor privado, deveria ser dono das empresas e indústrias mais importantes do país: (1) Discorda muito (7) concorda muito
Ros2	O Estado brasileiro, mais que os indivíduos, deve ser o responsável principal pela garantia do bem-estar das pessoas (1) Discorda muito (7) concorda muito

Fonte: LAPOP. Elaboração do autor.

Embora utilizem enunciados diferentes, os resultados apresentados tanto pelo WVS quanto pelo LAPOP são coerentes entre os países pesquisados, a tabela abaixo apresenta a média para o índice composto pela média aritmética simples das duas questões(Índice de Valorização do Estado – IVE) em cada uma dessas pesquisas.

**Tabela 1 – Média de índices de valorização do Estado por país**

País	WVS 2005-6	LAPOP 2008	WVS 2010-2014
	Média (1 a 10)	Média (1 a 7)	Média (1 a 10)
Argentina	6,56	4,99	-
Brasil	6,01	4,14	6,06
México	5,62	4,40	6,24

<sup>4</sup>Essa é a ordem utilizada no banco de dados da pesquisa, embora o questionário traga essas opções em ordem trocada (governo=1 e indivíduo=10), a escala foi invertida no banco de dados final do WVS pelos organizadores da pesquisa para seguir o mesmo padrão das outras variáveis.

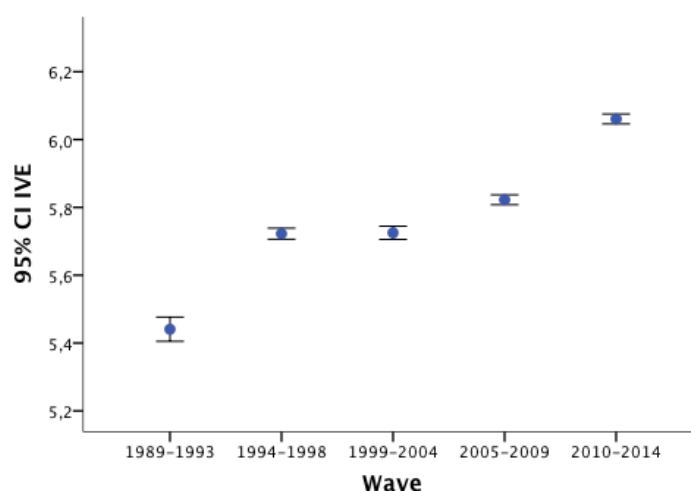
<b>Chile</b>	6,28	5,03	6,78
<b>Uruguai</b>	5,67	4,39	5,66
<b>Suécia</b>	4,67	-	5,34
<b>Estados Unidos</b>	4,38	2,25	4,24

Fonte: WVS e LAPOP. Elaboração do autor

Essa diferença entre os países, que se sugere de maneira aparente nos gráfico e tabelas, é também expressa por meio do teste estatístico one-way ANOVA que rejeitou a hipótese de que a média do IVE entre os países fosse igual<sup>5</sup>, ou seja, existe uma diferença estatisticamente significativa nas médias do IVE entre os países participantes do WVS nas seis ondas da pesquisa. No entanto, o coeficiente de correlação intraclassa (ICC) que busca estimar a proporção da variância que seria explicada pela diferença entre os países aponta que apenas 11,5% da variação desse índice explica-se no nível agregado entre os países. O coeficiente é da mesma magnitude quando analisados

Quando analisamos a tendência desse índice ao longo do tempo, considerando todos os países participantes da pesquisa, é possível notar que existe uma diferença significativa entre as médias nas diferentes ondas do WVS.

**Gráfico 1 – Média do IVE em cinco ondas do WVS**



Fonte: WORLD VALUES SURVEY 1981-2014 \_spss\_v\_2014\_06\_17\_Beta. Elaboração do autor

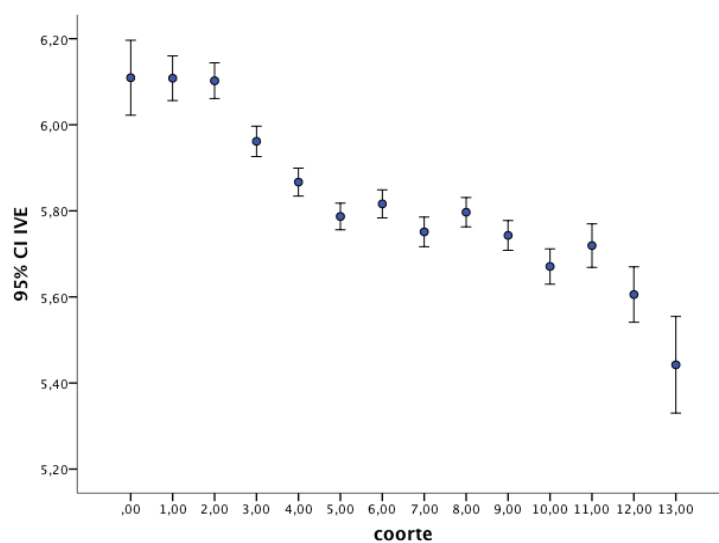
<sup>5</sup>Valor F: 185. Sig.: 0,000.



Esse padrão se torna mais claro quando analisamos uma suposta mudança intergeracional de apoio ao Estado. A análise está baseada em grupos de observações, que seriam equivalentes às coortes, criados a partir da agregação de indivíduos em faixas de idade de 5 em 5 anos, de modo que uma faixa de idade entre “25 e 29 anos”, fosse analisada como o mesmo grupo de indivíduos 5 anos mais velhos com “30 a 34 anos” . O nome “falsa coorte” é dado em razão desse grupo de observações não se referir a um conjunto dos mesmos indivíduos sendo acompanhados ao longo dos anos da pesquisa, no caso da “verdadeira coorte”, mas um conjunto de respostas de pessoas diferentes a cada aplicação do WVS. Dado o caráter longitudinal dessa análise, só foram considerados os países que participaram de três ou mais ondas.

Por meio da construção dessas falsas coortes em que os números mais altos apresentam o grupos mais antigos e os números mais baixos os grupos de entrevistados mais jovens, nota-se que há uma crescente valorização do Estado em coortes mais jovens. O gráfico abaixo apresenta a média do IVE de acordo com as referidas coortes considerando apenas os países que participaram ao menos três vezes desses levantamentos.

**Gráfico 2 – Média do IVE nas falsas coortes**



Fonte: WORLD VALUES SURVEY 1981-2014 \_spss\_v\_2014\_06\_17\_Beta. Elaboração do autor

## Determinantes do IVE

Com o objetivo de aprofundar a análise procurando investigar quais fatores estariam associadas a uma maior valorização do Estado no nível individual, realizou-se um teste estatístico com o IVE colocado como variável resposta. A técnica utilizada para realizar a análise foi a de regressão linear múltipla utilizando mínimos quadrados ordinários como método para a estimação dos parâmetros.

De acordo com a teoria de mudança de valores de Inglehart e Welzel (2005), as variáveis relacionadas ao pós-materialismo e a crescente autonomia individual seriam fatores preponderantes para se explicar diversos fenômenos do sistema político.

Inglehart e Welzel (2005) propõem um índice de autonomia que corresponde a um componente do eixo tradicional/secular-racional. O índice, que varia de -2 a 2, é resultante da agregação de quatro variáveis do WVS e imputa escores mais altos quanto mais o indivíduo acredita que é importante “a criança aprender a ter independência e determinação e perseverança em vez de obediência e fé religiosa”. A lógica por trás desse índice é a de que a valorização de aspectos como o desenvolvimento de capacidades e potencialidades individuais em contraste com atitudes de subordinação a regras externas está ligada a uma valorização da autonomia individual.

Além dessa variável e do índice de pós-materialismo proposto pelos autores citados como representativas da dimensão da cultura política, as variáveis de sexo, idade, escolaridade, se estava empregado ou não, posição da renda fam. na distribuição de renda do país e a auto localização na escala de ideologia política “Esquerda vs. Direita” foram incluídas no modelo de modo a representar perspectivas distintas de explicação da valorização do Estado.

<b>Modelo</b>	<b>Variáveis</b>	<b>Coef. Padr. (<math>\beta</math>)</b>	<b>Sig.</b>
<b>1</b>	(Constant)		0,000
	<b>Sobrev./Auto-expressão</b>	<b>-,134</b>	0,000
	<b>Tradicional/Secular-Racional</b>	<b>,015</b>	0,149
	Empregado	-,017	0,143

	Renda familiar	-,089	0,000
	Classe subjetiva	,018	0,149
	Escolaridade	-,052	0,000
	Idade	-,062	0,000
	Sexo	,066	0,000
	Ideologia	-,089	0,000

Modelo	Variáveis	Coef. Padr. ( $\beta$ )	Sig.
2	(Constant)		0,000
	Empregado	-0,039	0,000
	Renda familiar	-0,121	0,000
	Classe subjetiva	0,055	0,000
	Escolaridade	-0,04	0,000
	Idade	-0,081	0,000
	Sexo	0,04	0,000
	Ideologia	-0,131	0,000
	<b>Índice de Autonomia</b>	<b>-0,134</b>	0,000

Todos os modelos apresentam uma baixa capacidade de explicação da variação no Índice de Valorização do Estado. Embora todos eles possuam significância estatística, o coeficiente ajustado de regressão é igual a 0,055 no primeiro modelo e 0,084 no último modelo. Isso significa que os modelos explicam entre 5% e 8% da variação do IVE, o que já era esperado por se tratar de uma variável atitudinal que tradicionalmente apresenta na literatura um alto grau de dificuldade de predição, dada a conhecida complexidade de se explicar atitudes individuais. Além disso, o alto número de observações também é responsável por aumentar a variabilidade e conseqüentemente a dificuldade de explicação.

No entanto, a predição do Índice de Valorização do Estado por um modelo formal estatístico não é o principal objetivo desse trabalho. O que se procura compreender é a relação de variáveis ligadas à dimensão cultural com atitudes em relação ao Estado *vis-à-vis* variáveis de ordem social e econômica. Nesse sentido, os resultados da modelagem estatística apresentam evidências de que as diversas medidas de cultura política aqui

utilizadas são relevantes mesmo em comparação com variáveis mais estabelecidas de explicação das orientações políticas.

O modelo 1 que incorpora os dois eixos de mudança de valores sugere que o eixo de valores tradicional/secular-racional, assim como o fato de estar empregado ou não e o pertencimento a uma classe social não possuem significância estatística dentro do modelo. No entanto, o Coeficiente padronizado beta do eixo de valores de sobrevivência/auto-expressão é igual a 0,134, o maior coeficiente seguido por aqueles das variáveis de renda familiar e ideologia, ambos com 0,089. Isso equivale a dizer que o esse eixo possui um efeito 1,5 vezes maior do que os efeitos de cada uma dessas duas variáveis sobre o IVE.

O modelo 2, por sua vez, possui todas as variáveis com significância estatística dentro do modelo e destaca o Índice de Autonomia com o maior coeficiente padronizado Beta, seguido pelas variáveis de ideologia e renda.

### **Considerações finais**

A publicação do trabalho de Francis Fukuyama, *The end of history and the last man*, no ano de 1992, tornou-se emblemática de um conjunto de percepções de cientistas sociais à essa época que enxergaram na derrocada econômica dos países da União Soviética o início de uma etapa final do desenvolvimento histórico da humanidade. A ausência de alternativas ideológicas e o relativo sucesso das democracias liberais seriam, segundo essa visão, sinal de que as sociedades humanas caminhariam em direção a um modelo político comum caracterizado por uma diminuição da autoridade do Estado na regulação da economia e de outras áreas da vida social.

Uma perspectiva crítica a essa visão teleológica – das sociedades em direção a um modelo de democracia liberal – é construída por Samuel Huntington com a ideia do choque de civilizações, argumentando que as diferenças culturais entre as civilizações humanas não tendem a uma uniformização com o tempo, pelo contrário, a tendência é de reafirmação dessas características culturais e até mesmo de conflito entre elas.

Em resposta a esse argumento de Huntington e às críticas levantadas ao seu trabalho com os atentados terroristas de 2001 nos Estados Unidos, Fukuyama afirma que não nega a influência cultural sobre os regimes políticos, mas reafirma a sua visão de que as democracias liberais irão prevalecer entre os regimes políticos

*It has always been my belief that modernity has a cultural basis. Liberal democracy and free markets do not work at all times and everywhere. They work best in societies with certain values whose origins may not be entirely rational. It is not an accident that modern liberal democracy emerged first in the Christian West, since the universalism of democratic rights can be seen in many ways as a secular form of Christian universalism. [...] We remain at the end of history because there is only one system that will continue to dominate world politics, that of the liberal-democratic West<sup>6</sup>.*

Há que se incluir também nesse debate, a perspectiva de base marxista que se coloca em um polo ideológico oposto à visão de Fukuyama, mas que igualmente enxerga uma diminuição da autoridade do Estado no futuro. A diferença está na ideia de que, em vez de atores econômicos agindo em um livre mercado, a abolição da propriedade privada dos meios de produção resultaria na emancipação da maioria dos indivíduos na sociedade, enfraquecendo a relação de subordinação ao Estado o que, por sua vez, implicaria o desaparecimento gradual do Estado moderno.

Em suma, tanto em análises à direita quanto em interpretações à esquerda sobre o futuro do Estado, observa-se uma perspectiva negativa sobre sua permanência enquanto um ator central na sociedade. Por meio das considerações tecidas nesse texto, demonstramos que a cultura política apresenta-se como um fator importante para se compreender a tendência de valorização do papel do Estado. A pesquisa como um todo aponta a importância de se explorar com maior profundidade e de maneira mais objetiva essa relação entre cultura política e a forma de atuação do Estado.

---

<sup>6</sup> FUKUYAMA, Francis. History is still going our way: liberal democracy will inevitably prevail. The Wall Street Journal, 5 de outubro de 2001. Disponível em: <http://online.wsj.com/article/SB1002238464542684520.html> Acesso em 15 de Julho de 2013.

Baseado em um arcabouço teórico da cultura política, foram construídos índices que visavam a medir aspectos da cultura. Essas diferentes medidas culturais demonstraram possuir grande coerência entre elas, apontando que, embora possam captar distintas dimensões das matrizes culturais que guiam as orientações individuais, elas expressam um mesmo grupo de aspectos da vida social. A esse respeito, Inglehart e Welzel (2005, p. 143) afirmam que

*Individualism/collectivism, autonomy/embeddedness and survival/self-expression values are all linked with the process of human development, reflecting diminishing constraints on human choice. The fact that individualism, autonomy, and self-expression values tap a common pole of cross-cultural variation is not entirely surprising (...) All these variables reflect a common theme: an emphasis on autonomous human choice linked with the rise of humanistic norms.*

No plano individual, a análise de regressão descrita procurou comparar a relevância dessa explicação cultural frente a outros fatores explicativos. Embora os modelos estatísticos elaborados apresentassem um baixo poder explicativo da valorização do Estado, as medidas propostas por Inglehart e Welzel (2005) se apresentaram relevantes se comparadas a outras questões como renda, classe, ideologia, escolaridade, idade e sexo.

Por outro lado, por meio da análise longitudinal considerando as diferentes ondas do WVS, não foi possível identificar uma possível tendência de aumento da ênfase sobre a autonomia individual em detrimento da valorização do papel do Estado. Pelo contrário, o que se identificou foi um crescente aumento da média do IVE entre as coortes mais jovens e nos levantamentos mais recentes.

De certa forma, essa tendência contradiz a predição de Inglehart e Welzel (2009, p.299, grifo meu) para quem a mudança de valores segue um padrão específico e que *“Favorable existential conditions contribute to emerging self-expression values that give individual liberty priority over collective discipline, human diversity over group conformity, and civic autonomy over state authority.”*

A contribuição desse trabalho vai também no sentido de questionar o “padrão” de mudança de valores que se aplicariam a todo globo em uma direção específica.

Além de corroborar a importância de se considerar dimensões mais subjetivas como características culturais para se compreender atitudes políticas mais concretas como a valorização do papel do Estado, esse estudo trouxe elementos para se discutir se de fato o caminho do desenvolvimento humano segue um padrão semelhante em todos os momentos e se a mudança de valores que se observa empiricamente vai no mesmo sentido predito pela literatura de cultura política.

### **Referências bibliográficas**

ALMOND, Gabriel A. Comparative political systems. **The Journal of politics**, v. 18, n. 03, p. 391-409, 1956.

ALMOND, Gabriel; VERBA, Sidney. The Civic Culture: Political Attitudes and Democracy in Five Nations. **Boston: Little, Brown**. 1963.

BROOKS, Clem; MANZA, Jeff. **Why welfare states persist: the importance of public opinion in democracies**. University of Chicago Press, 2008.

ECKSTEIN, H. A Culturalist Theory of Political Change. In: CROTHERS, L.; LOCKHART, C. Culture and politics: a reader. New York: St. Martin's, 2000. p. 789-804

HARRISON, Lawrence E.; HUNTINGTON, Samuel P. (Ed.). Culture matters: How values shape human progress. Basic Books, 2000.

INGLEHART, Ronald. Modernización y postmodernización: El cambio cultural, económico y político en 43 sociedades. Madrid, CIS/Siglo XXI, 1998

INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. Modernization, cultural change, and democracy: The human development sequence. Cambridge University Press, 2005.

OORSCHOT, Wim Van; OPIELKA, Michael; PFAU-EFFINGER, Birgit (Ed.). **Culture and welfare state: Values and social policy in comparative perspective**. Edward Elgar Publishing, 2008.

RAO, Vijayendra; WALTON, Michael (Ed.). **Culture and public action**. Orient Blackswan, 2004.

SCHMITTER, Philippe. "*Neo Corporatism and the State*." In GRANT, Wyn (Ed.) *The Political Economy of Corporatism*. New York: St. Martin's. 1985